



ADOLESCENTES, ESCOLA E FUTEBOL: POR UMA FORMAÇÃO CIDADÃ¹.

Joelcio Fernandes Pinto
Gabriela Alves Ignácio

RESUMO

O objetivo da pesquisa foi identificar práticas de lazer, conhecimentos de ordenamentos legais, etc. Por meio de questionário e grupo focal identificou-se grande número de adolescentes que desconhece as Leis que regem a prática esportiva, o pouco impacto das aulas de Educação Física na formação cidadã e o desejo maior em jogar do que assistir o futebol.

Palavras chave: Adolescente; Educação; Futebol

APRESENTAÇÃO

O presente texto é resultado de um projeto de extensão em interface com a pesquisa realizado com apoio da Pró-reitora de extensão da PUC-Minas e que teve como objetivo central garantir, mesmo que momentaneamente, o direito constitucional à prática esportiva do Futebol, oportunizando momentos de formação cidadã no que diz respeito à prática de esportes, no caso o Futebol de Campo. Tal proposta teve como meta atender aproximadamente, 200 alunos/as do ensino médio, que frequentam o sistema público de ensino (municipal e estadual), em Belo Horizonte. Além disso, tal iniciativa realizou também uma pesquisa exploratória (qualitativa) sobre representações e hábitos de práticas de lazer, uso de bebidas alcoólicas, participação em torcidas organizadas, conhecimento do Estatuto do Torcedor, do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), dentre outros aspectos. Tal movimento de investigação pretendeu compreender as representações construídas nos processos formais e informais de educação dos adolescentes sobre o universo do Futebol. Outra faceta deste projeto foi a de fomentar a construção de saberes relacionados ao exercício da cidadania no âmbito do lazer² e da saúde³, buscando qualificar e complementar a formação escolar, por meio de debates e oficinas. Tais iniciativas tiveram também a intenção de

¹ Projeto fomentado pela Pro Reitoria de Extensão da PUC-Minas, edital de 2014.

² Partimos da premissa que Lazer é um tempo e espaço para desenvolvimento social, cultural e político do ser humano, configurando assim, como uma condição fundamental para a vida em sociedade. Entendemos então que a formação para o Lazer é de suma importância para qualificar a experiência humana na terra.

³ Seguimos o mesmo entendimento da Organização Mundial da Saúde (OMS) que conceitua saúde como o bem estar físico, psíquico, social e afetivo.



sensibilizar adolescentes que frequentam eventos esportivos sobre a necessidade de uma alteração na postura de torcedor⁴, visando usufruir de maneira mais saudável, humana e respeitosa esta possibilidade de lazer.

JUSTIFICATIVA

O interesse em desenvolver tal projeto nasceu da vivência de diversas situações sociais e profissionais. Primeiramente o convívio e os relatos recorrentes dos vários episódios de violência nos jogos de Futebol (estádio e arredores) envolvendo adolescentes, alguns terminando em mortes.

Segundo Heloísa Baldy Reis (2006) um dos fatores indiretos da violência nos estádios é a baixa escolaridade dos adolescentes, bem como, a educação formal de qualidade duvidosa e a formação familiar que inculca desde cedo valores e representações de raiva e rivalidade.

Especula-se que grande parte de professores/as de Educação Física ainda não se apropriou do debate (LDB, 96; COLETIVO DE AUTORES, 1992; KUNZ, 1994; BRACHT, 1997; CARVALHO e PINTO, 2001). em torno da função social da Educação Física, que entende tal disciplina como uma área do conhecimento e que deve tratar das práticas corporais, historicamente construídas, em todas as suas dimensões.

Uma ambiência social que também motivou tal projeto foi a percepção de que nos últimos anos a urbanização acelerada, acompanhada pela especulação imobiliária tem dificultado a conservação e/ou criação de espaços de práticas de futebol de campo. Assim, é cada vez mais rara, no país do Futebol, a prática deste esporte. Todavia, este não é um caminho interessante, principalmente em um país onde tal esporte se entrelaça de forma estreita com os aspectos culturais da sociedade brasileira (DA MATTA, 1994; MURAD, 1996) e também onde os índices de obesidade infantil crescem de ano a ano.

Desta forma, este projeto atendeu a política de extensão da PUC/Minas que prevê dentre outros aspectos, a aproximação do conhecimento produzido na universidade com as demandas sociais, a formação contextualizada de alunos/as dos cursos de graduação e por fim, a qualificação do ensino. Em outras palavras, o que vem sendo defendido pelas diretrizes da Extensão Universitária que é a indissociabilidade entre pesquisa, ensino e extensão.

⁴ Conferir em BALDY (2006) a formação do torcedor pós-moderno.



DESENVOLVIMENTO (PROCESSOS METODOLÓGICOS)

O projeto atendeu no ano de 2014 um grupo de 100 adolescentes, entre 15 a 18 anos, sendo a maioria do gênero masculino e apenas quatro adolescentes do gênero feminino. Os alunos/as foram convidados a participar do projeto a partir de visitas dos bolsistas em escolas públicas no entorno da PUC/Minas. Desta forma, tivemos adolescentes que vieram das escolas: E.E. Professor Moraes, E.E. Odilon Behrens, E.E. Des. Mário Gonçalves Matos e E.E. Paulo Diniz Chagas. Após apresentação do projeto “Educação, Adolescentes e Futebol” às instituições, foram solicitadas a tais escolas a contribuírem com a divulgação, mobilização e inscrições dos alunos interessados a participar da proposta, sendo que todas confirmaram o apoio solicitado. Importante ressaltar que não coube às escolas autorizar a participação de seus alunos no projeto, sendo responsabilidade dos pais e/ou responsáveis legais o preenchimento do documento de autorização de participação e de um questionário de identificação de dados sócio culturais.

Os encontros/aulas consistiram de vivências práticas de Futebol de campo utilizando metodologias variadas, tais como: Jogos situacionais (GRECO, 1982), Jogos Culturais (FREIRE, 2003) e encenações (LIBANEO, 2001). Os encontros aconteceram duas vezes por semana, no complexo esportivo da PUC/Minas e tiveram a duração de duas horas e 30 minutos. Tais encontros foram planejados, executados e avaliados pelos bolsistas selecionados no grupo de discentes do curso de Educação Física da PUC/Minas e por alunos/as da disciplina de Futebol/Futsal do referido curso.

A parte de investigação científica do projeto foi realizada por meio da metodologia de Grupo Focal. Esta metodologia trata-se de um procedimento perfeitamente adaptável a qualquer tipo de abordagem – exploratória, fenomenológica ou clínica. Para Caplan (1990), os grupos focais são “pequenos grupos de pessoas reunidos para avaliar conceitos ou identificar problemas”. Na concepção de Vaughn et al. (1996), em pesquisas na área educacional, a entrevista de grupo focal é uma técnica qualitativa que pode ser usada sozinha ou com outras técnicas qualitativas ou quantitativas para aprofundar o conhecimento das necessidades de usuários e clientes. Alguns autores utilizam a nomenclatura entrevista de grupo focal, enquanto outros preferem sua forma simplificada – grupo focal. O propósito central na utilização do grupo focal neste projeto foi identificar percepções, sentimentos,



atitudes e ideias dos participantes a respeito do mundo do Futebol (torcidas, dirigentes, jogadores, imprensa, etc).

Como se tratou de uma pesquisa exploratória, a ideia central foi de gerar novas ideias ou hipóteses e estimular o pensamento do pesquisador. Sem abandonar a perspectiva fenomenológica ou de orientação, que visa apreender como os participantes se relacionam com o mundo do Futebol, seus conhecimentos e experiências. Os encontros dos grupos focais foram gravados e transcritos para posterior análise. Por questões éticas os nomes dos adolescentes envolvidos foram suprimidos de qualquer relatório, impossibilitando identificar os autores das falas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO.

Analisando as respostas do questionário sociocultural aplicado quando da entrada dos participantes no projeto encontramos o seguinte quadro: os adolescentes fazem parte de famílias de classe desfavorecida, ou seja, com uma média de renda de dois salários mínimos. Em média as famílias têm entre dois a três filhos. A grande maioria mora com os pais. Todos tinham entre 15 e 18 anos de idade, cursavam o ensino médio em escolas públicas do sistema estadual e mais da metade, em torno de 55% já haviam repetido um ano.

No que diz respeito à escola, 85% declarou gostar desta instituição e os motivos mais recorrentes, por ordem de frequência foram: frequentar a escola era a forma de chegar à universidade (60%), ter algum futuro profissional (20%) e era um lugar de encontrar os amigos com segurança (20%). A grande maioria vislumbrava fazer uma faculdade e o curso mais mencionado foi o de Educação Física (60%), seguido de Engenharia (20%) e Direito(10%). Este resultado demonstra que ainda existe uma aposta, ou uma crença de que a escola pode alterar a situação social destes adolescentes, a medida que ela é um passaporte para a universidade. Dado que confirma estudos contemporâneos (DAYRELL, 2012) de que a escola é reconhecida pelos adolescentes enquanto uma instituição de certificação para o ingresso na faculdade ou para busca de empregos melhores do que os dos pais. Todavia, não se identificou um reconhecimento da escola enquanto espaço de formação cidadã.

Em relação aos costumes de práticas corporais, em torno de 90% declarou praticar futebol pelo menos duas vezes por semana, em virtude da participação do projeto, ou seja, na ausência dele não estariam praticando esporte. Os outros 10% declarou praticar musculação e



ou artes marciais. Este dado revela a pouca oferta de oportunidades de esporte e lazer a tal população, por parte do poder público. Ou seja, as políticas públicas de esportes nesta cidade e mais especificamente nesta região não cumpre seu papel de estado, que prevê no Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) e também na Constituição Brasileira (1988) o dever dos governos federal, estadual e municipal em fomentar o direito a prática esportiva. Além disso, tal situação revela a importância da realização de projetos como este no sentido de oportunizar momentos de discussão sobre os direitos que não são garantidos pelo poder público, visando uma formação mais cidadã. Pode-se especular que a falta de espaços e momentos de práticas deste esporte levam os adolescentes a imaginarem que as aulas de Educação Física deveriam se transformar nestes tempos, levando-os a pressionar seus professores a ministrarem essencialmente aulas práticas de futebol. Situação esta que se apresenta como um grande desafio a ser superado por tais professores.

Sobre as aulas de Educação Física, 53% afirmou que gosta das aulas, pois, aprendem vários esportes, 37% diz não gostar. Dentre os motivos alegados aparece em grande quantidade a preferência por aulas que tem como tema central o futebol, bem como adolescentes que alegam que as aulas são muito soltas e aparece também o anúncio de que a infra estrutura é precária. Os 10% restante declarou ser indiferente ou não pratica. Tais informações confirmam a existência ainda cristalizada de que a Educação Física é um momento e espaço somente do jogar, do extravasar e do se divertir.

Sobre os hábitos culturais podemos identificar as seguintes características: 85% não tem o costume de ir a museus e os que vão foram em função de atividades escolares. Quando o assunto é teatro o percentual de adolescentes que nunca frequentou uma peça teatral sobe para 94% e os que já vivenciaram, conheceram em função de alguma atividade ofertada pela escola.

Quando questionados sobre festas populares, 66% declararam frequentar as Festas de Carnaval, Festas Juninas e algumas religiosas. Os demais declararam não frequentarem.

Mas quando o assunto é show ou bailes o percentual aumenta para 75%. Os tipos de show são variados, tais como, sertanejo, hip hop, aché e baile funk.

Sobre o hábito de leitura, 69% anunciou não ter o costume de ler livros, enquanto que 23% declarou ler os livros que servem para atender os trabalhos pedagógicos da escola e um pequeno número de adolescentes, ou seja, oito leem por que gostam.



Quando o assunto é o hábito de ir ao estádio 78% anunciou que frequentam os jogos de Futebol no Mineirão e Independência. Porém a média de jogo é no máximo um por mês e os motivos alegados são que os ingressos são muito caros (70%) e alguns jogos são perigosos (30%). Os 22% que declararam não frequentar alegaram os mesmos motivos.

Ao comparar os costumes em relação aos tipos de eventos de lazer mais frequentados, percebe-se com facilidade a escolha por atividades de lazer mais movimentadas como o estádio de futebol e os bailes de danças. Enquanto que as atividades mais calmas como o teatro, museu e leitura são bem menos procurados. Especula-se que tais escolhas tenham a ver com uma dada reprodução cultural de valores de competição, rivalidade e desafios disseminados pela mídia em torno do espetáculo futebol, pois, os próprios adolescentes alegam que não frequentam mais o estádio, pois os ingressos são caros e percebe-se que as arenas estão longe de suas casas. Diferentemente, de museus, teatros e leitura que são bem mais baratos e se situam bem mais próximos de suas casas do que os estádios de futebol. Apesar do perigo de se comparar atividades tão dispares é muito desproporcional os interesses ora apresentados, o que desperta questões que merecem uma análise mais aprofundada, tais como: em que medida esta desproporcionalidade é impactada pela falta de oportunidades e ofertas de teatros, museus e leitura, ou pelo apelo midiático em torno do futebol ou ainda pelas condições geográficas que impulsiona o brasileiro a preferirem atividades mais agitadas.

Independente de tais reflexões considera-se importante que este quadro seja reformulado, pois, como já explicitado a desproporção é muito grande o que pode gerar inúmeros desequilíbrios emocionais, financeiros, sociais, etc. Aposta-se que uma vivência mais diversificada de práticas de lazer pode contribuir para uma formação mais ampla e questionadora.

Sobre a participação em torcidas organizadas a grande maioria (98%) declarou não fazer parte. Quando indagados da vontade de ser um integrante, 42% afirmaram querer entrar para uma torcida organizada. Os demais, ou seja, 58% alegou ter medo de ser um integrante deste tipo de organização. Os poucos que declaram fazer parte de torcidas organizadas apontaram um sentimento de satisfação por estarem lá. Estes números revelam que existe um substancial grupo de adolescentes que tem interesse e, portanto são potenciais participantes de tal organização. Estes dados revelam a responsabilidade do poder público de zelar pela segurança e boa formação destes adolescentes implementando estratégias de acompanhando e monitorando das ações de tais organizações, pois, tais adolescentes não podem ser reféns da



ineficiência do estado na oferta de políticas públicas de esporte que atendam suas demandas sociais.

Em relação ao conhecimento do Estatuto do Torcedor (Lei Pelé) 95% alegou não conhecer e deste montante 78% tem interesse em saber o que tal Lei rege sobre os direitos e deveres do torcedor. Os que afirmaram conhecer não souberam opinar sobre do que se trata. Estes dados anunciam a completa ignorância destes adolescentes em relação aos seus direitos enquanto torcedor, ao mesmo tempo em que demonstra o interesse em conhecê-los. Situação que corrobora com a ideia da necessidade de uma ação docente mais contextualizada e que construa um sentido de formação cidadã (LDB-96).

Quando foi solicitado aos adolescentes para opinarem sobre a Copa do Mundo, 96% declararam ser contrário. Dentre as justificativas a que aparece em primeiro lugar e disparada (78%) foi o gasto desnecessário com atividades que não são prioridades para o povo brasileiro, pois, “a população necessita de investimentos em educação e saúde”. Percebe-se, portanto que grande parte destes adolescentes não está alheia às demandas sociais da população, nem tão pouco deixam de perceber os usos políticos do esporte.

A realização do Grupo Focal serviu para confirmar e ou contrastar os dados apresentados no questionário e suas respectivas opiniões expressadas em um coletivo.

Foi possível então confirmar o inexpressivo (ou inexistente) conhecimento dos adolescentes das leis que normatizam o esporte brasileiro, principalmente o Futebol. Ou seja, tanto o Estatuto do Torcedor (1998) que regulamenta sobre os direitos e deveres do torcedor brasileiro (quando de sua ida aos eventos esportivos), como a Constituição Brasileira (1988) que anuncia que a prática esportiva é um direito do cidadão brasileiro e que é dever do estado fomentar e equipar a sociedade, são desconhecidos destes adolescentes. Entendendo a escola como espaço e tempo de formação para a cidadania, como previsto na LDB-96, espera-se que tais conhecimentos sejam informados e discutidos na educação formal brasileira. E qual seria a disciplina responsável por trabalhar tais conteúdos? Acredita-se que as aulas de Educação Física deveriam ser um campo fértil para disseminar o conhecimento legal sobre direitos e deveres dos cidadãos no que tange a prática esportiva (LDB, 96; COLETIVO DE AUTORES, 1992; BRACHT, 1997; CARVALHO e PINTO, 2001). Mas não foi isto o que identificamos, pelo menos com o grupo estudado. Ao contrastar os dados do questionário com o grupo focal percebe-se que nas aulas de Educação Física destes adolescentes existe uma grande ênfase no jogar e pouca (ou nenhuma) preocupação em construir um conhecimento sobre tais



ordenamentos legais. O que fere o que está previsto na Lei de Diretrizes e Base da Educação (1996) sobre a responsabilidade das áreas do conhecimento na formação para a cidadania. E tal falta não pode ser relacionada ao desinteresse de alunos, pois, o que esta pesquisa identificou foi que um grande número de alunos se mostrou interessado em aprender.

Já no que diz respeito às Torcidas Organizadas as informações extraídas da maioria dos alunos dão conta de que tais adolescentes não assumiram participar de torcidas organizadas, mas relataram conhecer muitos associados. Nas conversas instigadas nos grupos focais os participantes afirmam que as torcidas organizadas sempre fazem uso de práticas esportivas de lutas. Segundo eles os organizadores de tais torcidas utilizavam como justificativa para às vivências de Lutas o argumento de criar uma forma de autodefesa em caso de necessidade nos jogos de Futebol. Em seus diálogos fica claro que existe uma dada intencionalidade por trás das relações entre dirigentes esportivos e chefes de torcidas organizadas, como exemplifica a fala de um adolescente:

“Mas sério, falando de torcidas organizadas esses times que patrocinam essas torcidas pagam até curso de lutas. Pra que isso? Pagam tudo quanto é negócios pra eles, tão querendo que eles vão pro estádio pra quebrar tudo mesmo, eles não estão indo pro estádio atoa, nem aprendendo essas coisas atoa.”;

“Luta é que se precisar é bom eles saberem.”

(Anúncios de adolescentes no grupo focal, 2014)

Percebe-se que as informações fornecidas pelos adolescentes vão ao encontro da justificativa dada pelas torcidas organizadas. O trecho a seguir foi retirado do site da Galoucura, torcida organizada do Clube Atlético Mineiro, e se refere à justificativa pela oferta das modalidades esportivas oferecidas pela instituição:

“Com a necessidade de disciplinar e proporcionar alguma atividade de lazer para seus associados, foi criado o moderno Centro de Artes Marciais Galoucura, disponibilizando para seus componentes aulas de Boxe (Claudinho Boxe), Capoeira (Abada), Jiu-Jitsu (Equipe RL), Muay Thay, MMA (Gordin Fighth Team) e Preparação Física (Pró – Treinamento de Alta Performasse)”

(Fonte: <http://www.torcidagaloucura.com.br/equipe/>; acesso em 04/03/2015).

Sendo a Torcida Organizada uma instituição criada para mobilizar os torcedores em torno do Futebol, por que não criar então formas de entretenimento envolvendo o próprio futebol? Também percebe-se pelas falas que muitos estão na torcida organizada não é pelo futebol e sim pela rivalidade e a facilidade de exposição à violência que a instituição oferece.

“Eu entrei por causa das festas, fazer bandeira, tambor.

“Se eu tô no jogo do américa e passa um torcedor com a blusa do galo eu vou ‘dar’ nele mesmo.”

“Era da galoucura, chegou um cara em mim e falou vamos lá participar da torcida da galoucura. Aí você chega na galoucura eles falam com você assim, o cara faz um muay thai ai por que lá pro jogo a gente tem que estar preparado pra tudo, para pular o muro ai você já aprende o muay thai.”

“Hoje em dia professor o povo que entra pra torcida organizada é só pra brigar mesmo, pra bater, apanhar e tudo mais que vier.”

(Anúncios de adolescentes no grupo focal, 2014)

Observa-se que o envolvimento com um coletivo de pessoas com um mesmo propósito é muito sedutor. Todavia, os adolescentes também entendem que o propósito de reunir para torcer pelo seu time está muito deturpado. Não foi a toa que grande parte dos adolescentes anunciou ter medo de frequentar tal instituição.

No que diz respeito à Copa do Mundo, os jovens relataram não ter notado benefícios diretos com as grandes obras de infraestrutura do governo, visto que continuam não tendo acesso à utilização dos espaços esportivos construídos e que as linhas de transporte público criadas, na cidade de Belo Horizonte, não atenderam satisfatoriamente às regiões mais periféricas. Percebe-se que tais adolescentes não estão alheios aos discursos populistas dos políticos que defenderam a realização da Copa do Mundo no Brasil.

Quando provocados a comentar sobre a relação do povo brasileiro com o futebol, tendo este esporte como paixão nacional, os adolescentes expressaram acreditar que o fato das pessoas jogarem o futebol desde pequenos, o esporte ter baixo grau de requinte, ou seja, não necessitar de estrutura física específica para sua prática e se falar e “respirar” futebol no Brasil, fazem deste esporte a “paixão nacional”.

“É uma prática saudável, você que pode estar em casa fazendo o que for. Futebol é uma pratica saudável, tem a relação cultural também com país, o meio faz a gente gostar também. Grande maioria gosta, porque agente tá aqui ne agente respira futebol. As vezes se eu não morasse aqui eu não ia gostar.”

“É algo natural. Desde muleque já, você já cresceu jogando. É cultural, quase todo brasileiro é assim.”

(Anúncios de adolescentes no grupo focal, 2014).



Destaca-se aqui o papel crucial da mídia na disseminação da representação de que tal esporte é uma paixão nacional. O que permite especular o interesse comercial que as empresas envolvidas (direta ou indiretamente) têm em se propagar tal ideia.

Prosseguindo com a discussão sobre o porquê gostam tanto de futebol os adolescentes anunciam aspecto relevante, onde se identifica um dado questionamento ao futebol espetáculo e o quanto a prática do esporte pode ser prazerosa e remeter a momentos saudáveis e marcantes.

“Futebol é bom, legal né, muito bom. Desde pequeno eu sempre... Eu tenho muitos primos, meu irmão também jogava bola lá na rua, um incentivando o outro. Agente jogava a bola no portão da moça, da dona Dalva, posso dar o nome? Agente quase que colocava o portão dela no chão. Ai começou com meu irmão, meus primos mais velhos, ai foi começando né, de origem, um passando pro outro de geração em geração e agora nós estamos jogando bola aqui na PUC. Abriu um projeto bacana pra gente jogar, gosto muito, não vou deixar de vir. Dois garotos deixaram até o emprego pra poderem vir pro projeto.”

“Resumindo aqui, eu gosto muito de futebol. Me dá prazer jogar! Não assistir. Por isso que os caras entram na organizada e brigam. Já vão querendo isso mesmo, tem nada de futebol não. Quem gosta joga ou assiste em casa.”

“Eu também acho. Divirto mais zuando na pelada da rua do que vendo jogo no estádio. É legal e tudo mais, mas sei lá.”

(Anúncios de adolescentes no grupo focal, 2014).

Estes depoimentos são importantes na medida em que nos permite especular o quão sedutor é a prática do esporte para estes adolescentes, ou seja, eles gostam primeiro é de jogar e não assistir. Todavia, a possibilidade do jogar está cada vez mais remota para eles em virtude da falta de espaço nos grandes centros urbanos, de políticas públicas que fomentem momentos de práticas esportivas e também em função da idade que eles se encontram, pois, os estudos e a necessidade de trabalharem para ajudar suas famílias inviabilizam tais momentos. Diante de tal situação pode-se afirmar que os adolescentes não têm sido atendidos em suas necessidades de prática esportiva como anuncia o ECA (1990).

Em relação ao consumo de bebidas alcoólicas percebeu-se que tal tema foi ofuscado pelas discussões sobre as torcidas organizadas. Todavia, foi possível identificar alguns fragmentos de discussões que dão conta do respectivo tema, como por exemplo, o anúncio de que antes dos jogos um grupo seletivo de associados se encontra para festas regradas a cerveja de graça. Além disso, muitos destes garotos vão assistir aos jogos em restaurantes e bares do bairro e são expostos desde cedo ao consumo de bebidas alcoólicas, presenciando cenas de embriaguez e violência. Em outras palavras, o espetáculo esportivo é um momento e espaço



de exposição a tais situações que criam uma dada representação de que a vivência desta prática esportiva deve ser acompanhada de ingestão de álcool e muita rivalidade.

Durante a permanência destes adolescentes no projeto foi possível perceber que houve diversas apropriações das vivências esportivas, tais como: alguns iam simplesmente pelo interesse da ludicidade da prática, outros pelo interesse de treinar para tentar passar em uma peneira, ou até mesmo para melhorar sua técnica e condição física para participar dos torneios comunitários, além daqueles que iam para acompanhar e encontrar colegas. Todavia, todos os participantes não gostavam quando a questão não envolvia o jogo, a prática esportiva. Ou seja, eles demonstraram profunda irritação quando tinham que pensar sobre o que estavam fazendo. Esse fato chamou bastante atenção dos bolsistas, o que demandou uma mudança no planejamento e na condução das aulas, pensando em estratégias mais dinâmicas de transmissão de informações “teóricas”, programando debates para o fim da aula, depois que eles já estavam saciados do desejo da prática e elaborando encenações de torneios, etc.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados do questionário sociocultural e os relatos extraídos dos grupos focais a respeito do completo desconhecimento destes adolescentes em relação aos seus direitos à prática esportiva, à participação em espetáculos públicos e aos deveres dos dirigentes esportivos que organizam tais jogos, nos permitem considerar que a intervenção do profissional de Educação Física nas escolas não provocou impacto sobre a formação cidadã destes adolescentes em relação à vivência do Futebol. Seja porque são intervenções esvaziadas de informações a cerca dos ordenamentos legais que regem tal prática esportiva, onde o único sentido é atender o desejo lúdico de jogar bola, seja pela falta de criatividade nas aulas de Educação Física para sensibilizar ou educar alunos e alunas a uma postura diferenciada sobre este fenômeno esportivo. Faz-se necessário destacar que tais afirmações não significam imputar somente aos professores a culpabilidade pela situação. Reconhece-se a complexidade do processo educacional, mas não se pode desprezar a responsabilidade do docente na condução do ensino e os possíveis impactos desta ação na formação discente.

A situação se torna ainda pior quando se percebe que a instituição escolhida por parte deles para relacionar-se com o mundo futebolístico é a torcida organizada. Apesar da pesquisa não encontrar um número considerável de adolescentes participando destas organizações,



identifica-se que existe um grande conhecimento dos valores e hábitos que são estimulados no interior delas. Ou seja, eles demonstram conhecer o ritual delas, bem como esboçam uma dada crítica em relação a elas, principalmente no que diz respeito ao ensino de lutas para assistir uma partida de Futebol.

Segundo o ECA (1990) a criança e o adolescente tem prioridade absoluta no que tange ao cumprimento da assistência de serviços básicos, tais como, a saúde, a educação de qualidade, à prática esportiva, etc. Desta forma, esta pesquisa anuncia, apesar da sua pequena amostra, que no aspecto de uma educação (formal e informal) esportiva qualificada ainda existe um grande caminho a se percorrer. Caminho este que exigiria um esforço do poder político de acompanhar de perto a inserção de adolescentes em torcidas organizadas, além de incentivar intervenções educacionais criativas que visem informar e formar cidadãos conhecedores de seus direitos e deveres no que diz respeito à prática esportiva. Além disso, é dever do Estado custear equipamentos esportivos para a comunidade em geral. Uma fala recorrente dos adolescentes é a falta de espaços públicos para a prática do Futebol.

As vivências práticas, oficinas e os grupos focais pretenderam sensibilizar os adolescentes (torcedores) da necessidade de uma postura mais racional nos eventos esportivos, buscando a construção de uma cultura de torcedores que visem apreciar o espetáculo esportivo em vez de estimular a rivalidade e conseqüentemente a violência nos estádios. Buscou-se fortalecer o exercício da cidadania, incentivando tais adolescentes a reivindicarem dos governantes mais espaços públicos de práticas esportivas, principalmente o Futebol. Todavia, temos clareza de que uma iniciativa pontual como esta, não será suficiente para a transformação da situação vigente, mas estamos certos de que tal experiência se constituiu em um espaço e tempo de aprendizagens significativas para a atuação profissional (discentes do curso de EF), bem como para os adolescentes que puderam vivenciar a prática do futebol numa perspectiva voltada para o lazer.

Teens, School and Soccer: For A Civic Education

ABSTRACT

The objective of the research was to identify leisure practices, knowledge about legal systems, etc. A questionnaire and focus group identified a great number of teenagers that ignores the laws governing the practice of sports, the little impact of Physical Education lessons in civic education and the greatest desire in playing than watching soccer.

Keywords: Teens; Education; Soccer



Adolescentes, Scuola y Fútbol: Por Una Formación Ciudadana

RESUMEM

El objetivo de la investigación fue identificar las prácticas de ocio, los sistemas jurídicos de los deportes, etc. Un cuestionario y el grupo focal ha identificado un gran número de adolescentes que ignora las leyes que rigen la práctica de deportes, el poco impacto de clases de Educación Física en la educación cívica y el mayor deseo de jugar a ver el fútbol.

Palabras clave: Adolescentes; Educación; Fútbol

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira. *Desigualdade e Desempenho: uma introdução à sociologia da escola brasileira*. Belo Horizonte: Editora Argumentum, 2009.

BRACHT, Valter. *Educação física e aprendizagem social*. 2. ed. Porto Alegre, Magister: 1997.

_____. *Sociologia crítica do esporte; uma introdução*. Vitória: UFES, Centro de Educação Física e Desportos, 1997.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*, nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial, Brasília, 23 de dezembro de 1996.

_____. *Lei Pelé*, nº 9615/98. Diário Oficial, Brasília, 1998.

_____. *Lei Federal nº 8069/90* de 13 de julho de 1990. Diário oficial, 15 de julho de 1990

_____. *Constituição (1988)*. Texto Constitucional de 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais nº 1/92 a nº 28/2000 e Emendas Constitucionais de Revisão nº 1 a nº 6/94. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2000.

_____. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Lei Federal nº 8069, de 13 de julho de 1990.

BENDA, Rodolfo Novellino, GRECO, Pablo Juan (org). *Iniciação Esportiva Universal*. Belo Horizonte, ed. UFMG, 1998.

BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira. *Desafios da escola contemporânea: a formação do educador*. Belo Horizonte: Editora PUCMINAS, 2010.

CAPLAN, S. *Using focus group methodology for ergonomic design*. Ergonomics, v. 33, n. 5, p. 527-33, 1990.



CASTRO, Maria Helena Guimaraes & TIEZZI, Sérgio. A reforma do ensino médio e a implantação do ENEM no Brasil. In Colin Brock & Simon Schwartzman. *Os Desafios da Educação no Brasil*. Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, 2005.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino de educação física*. São Paulo: Cortez, 1992.

DA MATTA Roberto. *Antropologia do óbvio*: notas em torno do significado social do futebol brasileiro, in Dossiê Futebol, Revista USP, jun/jul/ago 1994.

DAYRELL, Juarez T. *A Educação do aluno trabalhador*: uma abordagem alternativa, Educação em Revista. B.H.(15):21-29. Jun 1992.

_____, Juarez T. Juventude, socialização e Escola. In Juarez Dayrell, et al (org). *Familia, Escola e Juventude*: olhares cruzados Brasil-Portugal. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

FERNANDES, Reynaldo. As Avaliações e os Desafios do Ensino Médio. Edmar Bacha e Simon Schwartzman (org.). *Brasil: A Nova Agenda Social*. Rio de Janeiro, LTC, 2011.

FREIRE, João Batista. *Pedagogia do Futebol*; Campinas: Autores Associados, 2003.

GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do Futebol*. Editora: NOVA ALEXANDRIA; 2010

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira; TOSTA, Sandra Pereira. *A síndrome do medo contemporâneo e a violência na escola*. Belo Horizonte: editora autêntica, 2008.

KUNZ, Elenor. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. Ijuí: Unijuí, 1994.

MEDEIROS, Regina. *A Escola no singular e no plural*: um estudo sobre violência e drogas nas escolas. Belo Horizonte: editora autêntica, 2006.

MOLINA NETO, Vicente. *A prática do esporte nas escolas de 1o e 2o graus*. 2. ed. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFGS, 1996.

MURAD Maurício. *Dos Pés À Cabeça*: elementos básicos da Sociologia do Futebol. Editora IRRADIAÇÃO CULTURAL, São Paulo; SP. 1996.

OLIVEIRA, João Batista Araújo; SCHAWARTZMAN, Simon. *A escola Vista por dentro*. Belo Horizonte: ALFA EDUCATIVA EDITORA, 2002.

PINTO, Joelcio & SILVEIRA, Guilherme. *Educação Física na perspectiva da cultura corporal*: uma proposta pedagógica. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Campinas. Editora Autores Associados.V.22, n. 3 , 2001.

REIS, Heloisa Helena dos. *Futebol e Violência*. Campinas, SP: Armazém do Ipê (Autores Associados); 2006.



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

SCHAWARTZMAN, Simon. Os desafios da Educação no Brasil. In Colin Brock & Simon Schwartzman. *Os Desafios da Educação no Brasil*. Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, 2005.

SOARES, José Francisco. Qualidade e equidade na educação básica brasileira: fatos e possibilidades. In Colin Brock & Simon Schwartzman. *Os Desafios da Educação no Brasil*. Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, 2005.

VELOSO, Fernando. A evolução recente e propostas para a melhoria da educação no Brasil. In Edmar Bacha e Simon Schwartzman (org.). *Brasil: A Nova Agenda Social*. Rio de Janeiro, LTC, 2011.